



PARA UMA NOVA GENEALOGIA DA *NÉGRITUDE*¹

FOR A NEW GENEALOGY OF NEGRITUDE

Myriam Moïse

Université des Antilles Françaises

laboratoriohistafrica@gmail.com

Resumo: Esse artigo procura explorar, por meio da análise de publicações de Suzanne Roussi-Césaire e Paulette Nardal, como a ideologia da *Négritude* foi abraçada por homens e por mulheres por meio de seus ensaios, romances, poesias e obras de arte. As intelectuais, escritoras e artistas martinicanas não permaneceram em silêncio, elas articularam suas visões e forneceram importantes análises sobre as complexidades da construção da identidade africano-martinicana.

Abstract: This paper explores, by approaching the works of Suzanne Roussi-Césaire and Paulette Nardal, how Negritude ideology was embraced by men and women through their essays, novels, poetry and art work. Martinican women intellectuals, writers and artists have not been voiceless, they have articulated their visions and have provided major statements on the complexities of African Martinican identity construction.

Palavras-chave: *Négritude*; Intelectuais negras; Estudos de gênero.

Keywords: *Négritude*; Intellectual black women; Gender studies.

“Nessa cidade inerte, essa estranha multidão que não se junta, não se mistura: hábil em descobrir o ponto de desengate, de fuga, de esquivança. Essa multidão que não sabe ser multidão, essa multidão, percebe-se, tão perfeitamente só sob esse sol como uma mulher toda, crer-se-ia, entregue à sua cadência lírica, interpela bruscamente uma chuva hipotética e ordena-lhe que não caia; ou como um rápido sinal da cruz sem causa visível; ou como a animalidade subitamente grave de uma camponesa, urinando de pé, as pernas afastadas, tesas.”

(Aimé Césaire, *Cahier d'un retour au pays natal*, 11)²

¹ Artigo concedido para publicação pela autora. Tradução de Raissa Brescia dos Reis (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Taciana Almeida Garrido de Resende (IFMG). Agradecemos à Profa. Vanicléia Silva Santos (University of Pennsylvania), pela interlocução com a autora e a leitura da versão final da tradução. As citações de obras que possuem publicações em língua portuguesa (Frantz Fanon e Aimé Césaire), foram citadas e referenciadas de acordo com as traduções oficiais.

² A tradução à qual faremos referência nessa tradução é CÉSAIRE, Aimé. *Cahier d'un retour au pays natal*. Diário de um retorno ao país natal. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. Tradução e posfácio: Lilian Pestre de Almeida. As referências ao título em francês serão mantidas no texto, mas as citações serão feitas de acordo com a versão brasileira.

No dia 6 de abril de 1966, ao realizar seu discurso no Primeiro Festival de Arte Negra em Dakar, Aimé Césaire reafirmou a noção de negritude³ contra todas as formas de racismo: “Se a Négritude é um enraizamento particular, ela é também transcendência e florescimento no universal”.⁴ No entanto, a *Négritude* e todo o pensamento canônico produzido na Martinica e em Guadalupe da década de 1920 até os dias atuais deve ser reconsiderado globalmente, levando em conta os aspectos de gênero. Pode-se argumentar que o predomínio intelectual e o reconhecimento internacional dos poetas da *Négritude*, e o carisma de Aimé Césaire em particular, podem ter impedido as mulheres martinicanas de afirmarem suas vozes completamente. No início dos anos 1930, em uma sociedade martinicana marcada por dificuldades sociais, desnutrição e opressão colonial, a *Négritude* representou um movimento literário, político e ideológico central. Liderado, por pensadores, escritores e políticos francófonos, esse movimento teve um impacto considerável em comunidades afro-antilhanas, tanto local como globalmente. Seus pais fundadores (*founding fathers*), o martinicano Aimé Césaire, o senegalês Léopold Sédar Senghor e o franco-guianês Léon Gontran Damas foram intelectuais francófonos inovadores e combativos que reivindicaram no final dos anos 1920 a necessidade de descendentes de africanos abraçarem sua negritude e sua herança africana, tradições e crenças culturais. Em seus discursos, os poetas da *Négritude* criticaram abertamente a falta de humanidade da Europa e rejeitaram a onipotência das ideologias ocidentais euro-centradas. A *Négritude* foi, na verdade, um movimento focado na raça e na afirmação de uma nova identidade negra contra o colonialismo e o racismo franceses. Em uma entrevista à *Présence Africaine* na década de 1970, Leopold Senghor admite que eles foram influenciados pelos poetas do *Harlem Renaissance*, Langston Hughes, Claude McKay, Jean Toomer, James Weldon Johnson, Stirling Brown e Frank Marshall Davis, em particular porque eram criativos e lhes mostravam até que ponto as civilizações africanas negras deveriam ser plenamente reconhecidas e legitimadas.⁵ Em seu *Discurso sobre a Negritude*, proferido em fevereiro de 1987 na Florida International University, Césaire prestou homenagem aos fundadores da

³ N.T. As tradutoras optaram por diferenciar os usos da palavra negritude utilizando letra maiúscula e acento do original em francês quando se refere ao movimento da *Négritude* e a grafia em português, com letras minúsculas, quando o texto se remete à noção de *blackness*.

⁴ CESAIRE, Aimé. Speech delivered by Aimé Césaire in Dakar on April 6, 1966. *Gradhiva*, vol. 10, n. 2, 2009, p. 208-15.

⁵ SENGHOR, Léopold S. Problématique de la négritude. *Présence africaine*, n. 78, 1971, p. 12-14.

Négritude e também saudou seus predecessores, os homens da “*Négritude americana*”, incluindo Hughes, McKay, Cullen e Brown.⁶

Embora os conceitos de raça e etnia tenham sido enfatizados, a questão de gênero obviamente foi desconsiderada pelo trio da *Négritude*. O livro de Césaire, *Cahier d'un retour au pays natal* [Diário de um retorno ao país natal] (1939), é considerado o primeiro grande trabalho publicado dentro do movimento e simbolizou as reivindicações raciais e culturais dos seus poetas. No trecho da epígrafe a este artigo, a cidade é representada dentro de um padrão ambivalente, abrangendo movimento e imobilidade, ruído e silêncio, animalidade e feminilidade. A imagem da “camponesa urinando em pé, com as pernas entreabertas, rígidas” reflete tanto a animalização quanto a força da figura feminina cuja verticalidade física remete a construções míticas das mulheres martinicanas como resilientes figuras de “poto-mitans”.⁷ Várias intelectuais martinicanas desenvolveram seus pensamentos e produziram textos significativos antes e durante a linha do tempo do movimento da *Négritude* e, muitas vezes, com produções do mesmo patamar das produções masculinas. Na verdade, podemos afirmar que há uma contundente genealogia feminina dentro da própria *Négritude* e que esta foi minada pela dominação patriarcal. Mulheres martinicanas como Suzanne Lacascade, Suzanne Roussi-Césaire, Paulette Nardal e Jane Nardal abordaram a questão da negritude, incluindo a perspectiva de gênero. Já em 1924, o romance de Suzanne Lacascade, *Claire-Solange: l'ame africaine*, foi um texto precursor, mas nunca foi considerado como parte do pensamento da *Négritude*. O romance de Lacascade denuncia o racismo e a opressão das mulheres negras e foi dedicado a suas ancestrais africanas e crioulas. Seu texto de vanguarda, bem como o uso recorrente de expressões em crioulo logo fizeram dela uma autora indesejada nos círculos intelectuais e políticos na Martinica e na França.

As irmãs martinicanas Jane e Paulette Nardal, também foram pioneiras subestimadas da *Négritude*. O ensaio de Jane Nardal, “*Black Internationalism*”, foi publicado, em 1928, no *La Dépêche africaine*, dez anos antes do *Cahier...* de Césaire, que é, no entanto, considerado como o

⁶ CESAIRE, Aimé. Speech delivered by Aimé Césaire in Dakar on April 6, 1966. *Gradhiva*, vol. 10, n. 2, 2009, p. 208-15.

⁷ No imaginário das sociedades antilhanas, a mulher “poto-mitan” é o pilar de sua casa, o núcleo central que mantém o lar. Este termo refere-se originalmente ao peristilo do templo vodu haitiano em torno do qual os iniciados dançam. A figura “poto-mitan” representa tanto a mulher corajosa quanto a mãe que se sacrifica, um mito tranquilizador em sociedades antilhanas que há muito são dominadas por hegemonias (neo)coloniais e patriarcais.

marco histórico do início da *Négritude*. Neste texto, Nardal desenvolve sua posição sobre a construção identitária, a negritude e a dualidade da subjetividade do negro antilhano. Jane Nardal foi de fato uma das primeiras a questionar “quem somos nós neste mundo de brancos?” e a teorizar sobre a questão da negritude dentro de um complexo contexto martinicano. Quanto à irmã Paulette Nardal, entre 1931 e 1932, ela editou, junto com o escritor haitiano Léo Sajous, as seis edições da *Revue du monde noir*, um periódico publicado em francês e inglês. Entre os objetivos estabelecidos no primeiro editorial da revista, “Ce que nous voulons faire” [O que nós queremos fazer], as principais linhas de pensamento da *Négritude* são desenhadas:

Criar, entre os Negros do mundo inteiro, sem distinção de nacionalidade, um laço intelectual e moral que lhes permita se conhecer melhor, amar-se fraternalmente, defender com maior eficácia seus interesses coletivos e tornar ilustre a sua raça.⁸

Foi nesta revista que Aimé Césaire teve a oportunidade de ler os poemas de Claude McKay, Alan Locke e Langston Huges. O intelectual também compareceu mais regularmente do que admitiria aos salões literários dominicais que as irmãs Nardal organizavam em Paris na época. Foi lá que Césaire conheceu seu amigo e parceiro político mais fiel, Pierre Alier, então estudante de Medicina. Em sua contribuição para uma biografia de Senghor em 1960, Paulette Nardal explica que Césaire e Senghor enfatizaram ideias que ela e a irmã haviam expressado anteriormente, mas, como mulheres, suas vozes não foram ouvidas na mesma medida porque, afinal de contas, eram apenas mulheres.⁹

A voz de Suzanne Roussi-Césaire, esposa e mãe dos filhos de Aimé Césaire, muitas vezes foi desconsiderada, ainda mais por ela viver à sombra de seu famoso marido e por ter sido seu mais importante suporte enquanto ele escrevia o *Cahier...* Roussi-Césaire começou a escrever na Martinica durante a Segunda Guerra Mundial, sob o regime de Vichy, muito mais tarde do que as irmãs Nardal. Ela ensinou na escola Victor Schoelcher, em Fort de France, onde Frantz Fanon e Édouard Glissant estudaram e se lembram de tê-la conhecido na época. Em seu artigo de 1941, “Leo Frobenius and the problem of civilization”, Roussi-Césaire baseia-se no conceito de paideuma do etnólogo alemão Leo Frobenius para sublinhar a natureza vívida e profunda das

⁸ Nardal, Paulette et al. Ce que nous voulons faire. In: *La Revue du monde noir*, 1931-1932, collection complète, n° 1 à 6. Fac-símile. Paris: Edição Jean-Michel Place, 1992, p. 3.

⁹ Citado em SHARPLEY-WHITING, T. Denean. *Négritude Women*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2002, p. 17.

civilizações e culturas africanas. Mais tarde, Senghor desenvolveu uma admiração semelhante pelo trabalho de Leo Frobenius, quando Aimé Césaire deu a ele *The Origin of African Civilization* (1899). Os textos de Suzanne Roussi-Césaire não podem ser taxados somente como antilhanos, ao contrário, ela procura muitas vezes enfatizar a necessidade de autoconhecimento e de autoconsciência, conseqüentemente, a afirmação de uma identidade negra era obviamente uma de suas preocupações recorrentes. Em seu ensaio sobre Frobenius, ela escreve:

É agora urgente ousar conhecer a si mesmo, ousar confessar a si mesmo quem você é, ousar se perguntar o que você quer ser. Aqui também os homens nascem, vivem e morrem. Aqui também o drama é apresentado até o fim. “É chegada a hora de se preparar para o combate como homens valentes”.¹⁰

Essa necessidade de construção identitária da autora ganha maior destaque no ensaio “The Malaise of a civilization”, publicado no periódico *Tropiques*, em abril de 1942, um texto que é hoje considerado seu principal trabalho na *Négritude*.¹¹ Nessa obra, Roussi-Césaire questiona a ambivalência da identidade martinicana e, de certa forma, aborda a ideia da alienação que Fanon vai levantar dez anos mais tarde, em *Pele negra, máscaras brancas*. Ela se pergunta o que é o martinicano, “fundamental, literal e unilateralmente”, e como ele vive e conclui com a afirmação de uma impressionante contradição. Suzanne Roussi-Césaire foi, portanto, uma precursora na investigação do jeito de viver martinicano e de seu desconforto em relação à negritude e ao enraizamento africano, mas seus textos foram frequentemente subestimados e não receberam a atenção que mereciam.

O conceito de alienação de Frantz Fanon, discípulo de Césaire, contribuiu para iluminar teorias sobre raça, etnicidade e as especificidades do corpo negro em seu influente livro de 1952, *Pele negra, máscaras brancas*. Nessa obra, ele descreve um corpo que é “pulverizado, desarticulado, feito e envolto em luto nesse branco dia de inverno” (121). Para Fanon, o sujeito (homem) negro deve se tornar completamente consciente de sua negritude.

Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão,

¹⁰ ROUSSI-CÉSAIRE, Suzanne. Leo Frobenius and the Problem of Civilization. In: RICHARDSON, Michael (ed.). *Refusal of the Shadow: surrealism and the caribbean*. New York: Verso, 1996, p. 87.

¹¹ Ver JEFFERS, Chike. Review of “Suzanne Césaire, *The Great Camouflage: Writings of Dissent (1941-1945)*”. *Journal of French and Francophone Philosophy*, vol. 21, n. 1, 2013, p. 183-192.

minhas características étnicas [...]. Mas rejeitava qualquer infecção afetiva. Queria ser homem, nada mais do que um homem.¹²

Muitas feministas criticaram o foco de Fanon no sujeito negro do gênero masculino, sua definição dos desejos e da sexualidade das mulheres negras e sua falta de simpatia por suas homólogas do gênero feminino.¹³ Parece claro que o sujeito africano-antilhano de gênero feminino foi alienado por seus pares do gênero masculino em vários níveis. Da *Négritude* de Césaire à teoria da alienação de Fanon, a mulher africana-antilhana está, de fato, ausente da discussão, o que certamente chama a atenção para a dupla colonização do sujeito negro do gênero feminino, por meio da raça e do gênero.

No contexto martinicano, textos de autoria de mulheres parecem ter sido ofuscados por grandes pensadores homens, como Césaire, Fanon e os três apóstolos da *Créolité*: Chamoiseau, Bernabé e Confiant¹⁴. Escritores e pensadores homens martinicanos tenderam, portanto, a afirmar a negritude em detrimento da produção intelectual de mulheres e das suas especificidades de gênero. Ao contrário de suas irmãs feministas anglófonas africano-americanas e do Caribe, mulheres da Antilhas falantes do francês parecem ter desenvolvido uma cumplicidade e uma solidariedade bastante ambíguas com seus homens, o que as impediu de afirmar suas vozes pública e completamente. Mulheres martinicanas, em particular, foram limitadas a um espaço de expressão delineado por homens e reduzido pelo mito da mulher “poto-mitan”. A “poto-mitan”, que é também o nome de uma coluna cilíndrica situada no centro dos templos de Vodou haitianos, passou a simbolizar a força da mulher negra nas sociedades francófonas antilhanas. As mulheres sentiram então o impulso de abraçar essa identidade “poto-mitan” acima da afirmação de si mesmas. As mulheres “poto-mitan” são descritas como resilientes e inteiramente responsáveis por seus lares e famílias, com ou sem a presença de um homem ou de uma figura paterna; essas construções culturais e míticas se tornaram progressivamente um fardo para mulheres antilhanas que, tradicionalmente, trabalhavam duro, mas permaneciam frequentemente à sombra de (seus)

¹² FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 105-106. Tradução de Renato da Silveira.

¹³ Ver CHOW, Rey. The Politics of Admittance: Female Sexual Agency, Miscegenation, and the Formation of Community in Frantz Fanon. *UTS Review*, vol. 1, Sydney, 1995, p. 5-29.

¹⁴ Nota das tradutoras: A *Créolité* foi um movimento político-literário martinicano que veio à luz na década de 1980, com a publicação do livro-manifesto *Éloge de la créolité*, em 1989, por Raphaël Confiant, Jean Barnabé e Patrick Chamoiseau. Esses escritores reivindicaram uma identidade martinicana “ciroula”, em oposição a grupos intelectuais e literários anteriores, incluindo a *Négritude*.

homens e, conseqüentemente, não foram muitas vezes ouvidas fora da esfera doméstica. Em seus textos poéticos, Aimé Césaire faz numerosas referências a figuras de mulheres negras, particularmente a seus corpos, histórias e comportamentos, mas na maioria das vezes suas vozes não são realmente ouvidas. Não importa se é “a mulher que tinha mil nomes de fonte de sol e de pranto”¹⁵, do *Cahier...* (1939), a “esposa maroon restaurada”¹⁶, em *Les armes miraculeuses* (1946), ou “a mulher esticada como uma montanha sem lacre e sugada por lianas”¹⁷ em *Soleil cou coupé* (1948), a expressão feminina aparece mais como corporal e passiva do que discursiva e proativa. Quando acusado de relativa misoginia em uma entrevista de 1977, Césaire respondeu que as mulheres negras sustentaram a raça e a tradição e que, em cada casa martinicana, tem uma mulher que é, na verdade, um grande homem.¹⁸

A ideologia da *Négritude* foi abraçada por homens e por mulheres por meio de seus ensaios, romances, poesias e obras de arte. As intelectuais, escritoras e artistas martinicanas não permaneceram em silêncio, mas articularam suas visões e forneceram importantes análises sobre as complexidades da construção da identidade africano-martinicana. Círculos intelectuais da Martinica formados por homens viram a emergência de importantes teóricos e escritores dos estudos raciais (Césaire, Fanon, Glissant, Bernabé, Chamoiseau, Confiant...), contudo, o caso de Guadalupe é diferente pois mulheres intelectuais e escritoras conseguiram alçar suas vozes a um patamar mais alto (Dany Bébel-Gisler, Maryse Condé, Simone Schwarz-Bart). O ensaio de Maryse Condé, de 1979, *La parole des femmes*, demonstra um esforço em sempre erguer e reavaliar a voz de mulheres antilhanas falantes de francês. A partir dos anos 1980, escritoras martinicanas e guadalupenses exploraram vários ângulos de reflexão para ir além do foco racial no interior da *Négritude* e afirmar sua identidade negra feminina no contexto específico das Antilhas francesas. Escritoras antilhanas locais e diaspóricas, tais como Gisèle Pineau, Fabienne Kanor, Suzanne Dracius-Pinalie e Mérine Céco produziram textos ficcionais e biográficos com um emblemático apelo comum para dismantelar a casa do pai e colocar em relevo as especificidades das relações de gênero nas Antilhas. Tanto na *femme-chiffe* (2006), de Pineau, como nas mulheres *Humus*

¹⁵ CÉSAIRE, Aimé. *Cahier d'un retour au pays natal, Diário de um retorno ao país natal*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, p. 41. Tradução e posfácio: Lilian Pestre de Almeida.

¹⁶ CÉSAIRE, Aimé. *Les Armes miraculeuses*. Paris: Gallimard, 1946, p. 131.

¹⁷ CÉSAIRE, Aimé. *Soleil cou coupé*. Paris: K. Éditeurs, 1948, p..

¹⁸ PIGEON, Gérard Georges. Interview avec Aimé Césaire à Fort-de-France le 12 Janvier 1977. *Cahiers césairiens*, n. 3, 1977, p. 1-6.

(2006), de Kanor, na *autre qui danse* (2007), de Dracius-Pinalie, ou na *femme-couresse* (2013), de Céco, escritoras afro-antilhanas descrevem figuras de mulheres negras resilientes, que lutam para fazer suas vozes serem ouvidas para além de molduras normativas e, em vários níveis, para além do patriarcal *Cahier*....

Referências bibliográficas

BERNABÉ, Jean; CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphaël. *Éloge de la Créolité/ In Praise of Creoleness*. Paris: Gallimard, 1989.

BONI, Tanella. Femmes en Négritude: Paulette Nardal et Suzanne Césaire. *Rue Descartes*, n. 83, 2014, p. 62-76.

CÉSAIRE, Aimé. *Cahier d'un retour au pays natal*. Newcastle UT: Bloodaxe Books, 1995.

CÉSAIRE, Aimé. *Cahier d'un retour au pays natal, Diário de um retorno ao país natal*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, p. 41. Tradução e posfácio: Lilian Pestre de Almeida.

_____. *Les Armes miraculeuses*. Paris: Gallimard, 1946.

_____. *Soleil cou coupé*. Paris: K. Éditeurs, 1948.

_____. Speech delivered by Aimé Césaire in Dakar on April 6, 1966. *Gradhiva*, vol. 10, n. 2, 2009, p. 208-15.

_____. Discours sur le colonialisme suivi de Discours sur la Négritude. Paris : Éditions Présence Africaine, 2004.

CÉCO, Méline. *La mazurka perdue des femmes-couresse*. Paris: Éditions Écriture, 2013.

CHOW, Rey. The Politics of Admittance: Female Sexual Agency, Miscegenation, and the Formation of Community in Frantz Fanon. *UTS Review*, vol. 1, Sydney, 1995, p. 5-29.

CONDÉ, Maryse. *La Parole des femmes*. Paris: L'Harmattan, 1979.

DRACIUS-PINALIE, Suzanne. *L'autre qui danse*. Paris: Privat-Le Rocher, 2007.

FANON, Frantz. *Black Skin, White Masks*. London: Pluto Press, 1986.

_____. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Éditions du Seuil, 1952.

_____. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 105-106. Tradução de Renato da Silveira

- FROBENIUS, Leo. *The Origin of African Civilizations*. Washington, DC: Smithsonian, 1899.
- JEFFERS, Chike. Review of “Suzanne Césaire, *The Great Camouflage: Writings of Dissent (1941-1945)*”. *Journal of French and Francophone Philosophy*, vol. 21, n. 1, 2013, p. 183-192.
- KANOR, Fabienne. *Humus*. Paris: Gallimard, 2006.
- LACASCADE, Suzanne. *Claire Solange, âme africaine*. Paris: Eugène Figuière Éditeurs, 1924.
- NARDAL, Jane. Internationalisme noir. *La Dépêche africaine*, 15 février 1928, p. 5.
- Nardal, Paulette et al. Ce que nous voulons faire. In: *La Revue du monde noir, 1931-1932*, collection complète, n° 1 à 6, (fac-simile). Paris: Edição Jean-Michel Place, 1992, p. 3.
- _____. Éveil de la conscience de race. *La Revue du monde noir 1931-1932*: collection complète, n° 1 à 6, (fac-simile). Paris: Édition Jean-Michel Place, 1992, p. 343-349.
- PINEAU, Gisèle. *Espérance Macadam*. Paris: HC Éditions, 2006.
- PIGEON, Gérard Georges. Interview avec Aimé Césaire à Fort-de-France le 12 Janvier 1977. *Cahiers césairiens*, n. 3, 1977, p. 1-6.
- ROUSSI-CÉSAIRE, Suzanne. Leo Frobenius and the Problem of Civilization. In: RICHARDSON, Michael (ed.). *Refusal of the Shadow: surrealism and the caribbean*. New York: Verso, 1996, p. 82-87.
- _____. Malaise d’une civilisation. *Tropiques*, Fort-de-France, vol. 5, n. 3, avril 1942, p. 43-49.
- _____. *Le Grand Camouflage, Écrits de dissidence*. Paris: Éditions du Seuil, 2009.
- SENGHOR, Léopold S. Problématique de la négritude. *Présence africaine*, n. 78, 1971, p. 12-14.
- _____. The Lessons of Leo Frobenius. In: Haberland, E. (ed.). *Leo Frobenius 1873-1973: an Anthology*. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1973, p. VII-XIII.
- SHARPLEY-WHITING, T. Denean. *Negritude Women*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2002
- VAILLANT, Janet G. *Vie de Léopold Sédar Senghor, Noir, Français et Africain*. Paris: Éditions Karthala-Sephis, 2006.

Artigo recebido para publicação em: 10 de outubro de 2020.

Artigo aprovado para publicação em: 15 de março de 2021.

Sobre a autora:

Bolsista Fulbright e Professora Associada de Inglês e Estudos de Gênero na Université des Antilles Françaises, na Martinica. Desde janeiro de 2019, é Secretária-Geral da Universities Caribbean, a organização de universidades e institutos de pesquisa caribenhos recentemente renomeada. Ela possui doutorado em Estudos Anglófonos na Université de Paris Sorbonne e PhD em Literaturas inglesas pela University of the West Indies. Seus campos de pesquisa incluem Estudos de Gênero, Estudos culturais e Análise do discurso, com um foco especial nas mulheres de descendência africano caribenha. Sua pesquisa foi financiada por diversas bolsas para pesquisador visitante: New York University (verão de 2009), Brown University (primavera de 2012), University College London (verão de 2018) e, mais recentemente, pela bolsa Fulbright, da Emory University (primavera de 2020). Seu mais novo artigo encontra-se na obra coletiva editada por Carole Boyce-Davies, *Border Transgression and Reconfiguration of Caribbean Spaces*, publicada pela Palgrave MacMillan (EUA, 2020).

Como citar:

MOÏSE, Myriam. Por uma genealogia da *Négritude*. *Revista Transversos*. Dossiê: O protagonismo da mulher negra na escrita da história das Áfricas e das Américas Ladinhas. Rio de Janeiro, n.º. 21, 2021. pp. 222-240. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2021.55187.

